

Conceição Soares. *A ética na empresa. Uma perspetiva ontológica*. Lisboa/São Paulo: Lisbon International Press, 2023, 208 pp.

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA*

Conceição Soares publicou nos últimos vinte anos diversos textos filosóficos sobre ética empresarial em conceituadas revistas internacionais. Agora oferece-nos este volume, denso e saboroso, que é uma espécie de balanço do seu labor escondido. Uma pequena suma de ética na empresa. Trata-se tão-só do primeiro trabalho desta amplitude em Portugal. Não temos dúvidas de que coloca no mapa da investigação que se faz em Portugal o tema da ética na empresa.

O livro tem cinco capítulos. Cada um pretende dar um passo sólido no propósito de fundar uma ética empresarial.

O primeiro capítulo pretende iluminar o principal substrato da economia, em boa medida, ainda vigente nos nossos dias, a economia neoclássica. Ao contrário do propósito fundador, clássico, em que a economia era um prolongamento da filosofia moral, os economistas neoclássicos tiveram a preocupação de emancipar a economia, fazendo dela “uma economia pura”, dedutiva e abstrata, tão clara e tão evidente como a mecânica newtoniana. A linguagem matemática invadiu o raciocínio económico, o mercado tornou-se um universo fechado, o conceito de valor tornou-se objetivo, assente na ideia de utilidade e de raridade. Dá-se como assente que uma ciência económica é possível, apesar da diversidade dos contextos e dos sistemas. Seja segundo a analogia da física, seja segundo a analogia da biologia, a economia tem-se e pensa-se a si mesma como uma ciência rigorosa, segundo o rigor matemático. Supõe que

* Universidade Católica Portuguesa; <https://orcid.org/0000-0002-7431-7436>; jtcunha@ucp.pt.

um equilíbrio atemporal é possível. São seus pressupostos: o universo económico é fixo, não dependente da variabilidade histórica e do ecossistema, o desequilíbrio corrige-se automaticamente, os indivíduos agem isoladamente, as escolhas dos consumidores são determinadas de forma determinística. Mais profundamente, a economia neoclássica assenta na visão do mundo de Thomas Hobbes: o indivíduo isolado, a sociedade de indivíduos isolados, unidos por contrato social racional. Neste universo, não se desenvolveu uma teoria da empresa. Esta é vista segundo o modelo do comportamento individual. A Escola de Chicago expandiu uma ideia que prolonga este universo: a empresa é propriedade dos acionistas, os gestores representam os acionistas na obtenção de lucros. Até aos anos 60 do séc. xx, não houve, segundo a nossa autora, melhor reflexão sobre a empresa. Porém, tanto as teorias contratualistas como as não-contratualistas são insuficientes para fazer justiça à instituição empresa.

Seguidamente, são apresentadas no livro as teorias sociológicas da empresa. Com o aparecimento da sociologia, houve condições de resgatar a realidade da empresa para melhores condições de discurso e de promoção ética. Conceição Soares apresenta-nos três caminhos sociológicos principais. As vias marxistas e neomarxistas, que privilegiam as relações sociais dentro da empresa, vista como lugar de luta de classes. Um grupo de teorias racionalistas, originárias da sociologia weberiana, que privilegia o jogo de interação que acontece na empresa. Finalmente, o caminho que se reporta a E. Durkheim, ou seja, a realidade organizacional da empresa, vista como lugar de cooperação entre os indivíduos. Em suma, um percurso que olha a empresa lugar de exploração, a empresa lugar de eficiência produtiva, a empresa lugar de cooperação.

No capítulo terceiro, a autora faz uma primeira síntese do seu ponto de vista, apresentando-nos um primeiro esboço da realidade da empresa. Ela observa como há um progresso desde a visão da empresa pelo prisma da analogia individualista da economia neoclássica, até à empresa como caso de vida subjetiva e intersubjetiva, passando pela descrição da empresa como cooperação de indivíduos, dentro de um universo que os transcende. A empresa começa a aparecer como uma entidade própria

que organiza os comportamentos individuais na base de uma norma comum, que otimiza os contributos individuais em prol dos seus objetivos, que tem a faculdade de conseguir a cooperação dos seus membros em favor de metas que se repercutem no melhoramento dos seus membros, da sociedade, da integração geral da empresa na realidade básica da vida e não apenas da vida dos seres humanos.

Os dois capítulos finais são muito densos e constituem a reflexão ética propriamente dita. O quarto capítulo expõe um ponto de vista de ética geral que pretende mostrar e justificar diante do leitor a realidade do próprio ordenamento ético. Isto não é fácil de conseguir, pois a regra não escrita da ética é uma das coisas mais abstratas que o filósofo tem por missão expor e justificar. Aquilo que não tem força de lei, mas é uma regra real, aquilo cujo fundamento é eternamente discutido e, no entanto, é real, a última instância de apelo, é árduo de explicar com clareza. Finalmente, a proposta mais pessoal de Conceição Soares, que é uma proposta de ética empresarial na linha de uma ética da generosidade. Aqui a autora joga todo o seu modo de pensar, o seu legado, que é muito rico neste assunto. Já lá iremos.

O livro de Conceição Soares é uma pequena suma da sua matéria. Revela uma grande erudição, quer dizer, um conhecimento exaustivo do seu assunto e uma grande honestidade intelectual. Tem em conta tudo o que deve ser tido em conta para a elaboração de uma ética na empresa. O conhecimento histórico da evolução do tema desde o séc. XIX, altura que viu nascer a economia neoclássica. Faz uma recensão dos principais estudos que há sobre a matéria de aquém e de além-Atlântico, com uma probidade científica digna de nota. Elenca todas as formas de desenvolvimento do seu tema, mesmo aquelas com que visivelmente não está de acordo. É fiel às suas fontes sem as manipular em proveito do seu objetivo final.

A sua obra vai anunciando desde o princípio o ponto de chegada, que é a justificação ontológica de uma ética empresarial. O caminho vai sendo delimitado pelos interstícios dos pontos de vista históricos que considera incompletos, aqueles que são oriundos do racionalismo iluminista, do positivismo e das visões funcionalistas das ciências humanas.

De igual modo, é visível que não se contenta com as vias utilitaristas para pensar a ética na empresa. Essas são as mais comuns nos dias que correm, pois propõem que a imposição de deveres não pode vir de outro lugar lógico que não seja a necessidade otimizar o maior bem para o maior número. Por isso, vai mais longe, sem hesitação e sem medo de ser tomada em irrisão pela desconfiança que reina à nossa volta em relação ao ponto de vista da filosofia.

Por fim, propõe-nos com clareza o seu ponto de vista de uma ética ontológica da empresa, estruturada sobre a ideia de generosidade. Admiramos, desde logo, a sua ousadia. Propor uma ética filosófica de sabor metafísico nos tempos que correm é obra e ousada. É por isso que o seu livro merece o maior aplauso e a maior saudação no contexto universitário que é o nosso, que não podemos esquecer que é o de uma universidade católica. Este contexto exige uma responsabilidade acrescida, pois a nossa tradição é mais rica e mais antiga do que as outras. Isso não diminui a nossa liberdade, mas torna-a mais árdua e mais necessitada de elaboração.

Chamo a atenção para o facto de fundar a ética empresarial na generosidade ser muito mais do que um apelo aos bons sentimentos e aos bons propósitos. A alguém poderia parecer que se trata de um apelo débil e descolorido como tantos outros que vemos por aí em referência aos grandes temas que temos em discussão nos dias que correm, sejam as questões de género ou as alterações climáticas. A referência à generosidade leva-nos bem longe nas raízes da tradição ética ocidental, mediterrânica, a que pertencemos. A metafísica interroga-se sobre o que é o “ser”. Aristóteles responde: É agir, pois o que não age nada parece ser. A ação é o bem, pois é o fim de tudo. A ação é o que conhecemos primeiramente, pela via da analogia. É o elo entre a ontologia e a ética. A ontologia que faz decorrer todo o real de um primeiro princípio do ser encontra o dom de tudo até ao dom de si mesmo como origem. Aqui entronca a ética como fundamento da conduta humana. Kant chama-lhe um dever, o dever de receber e de dar. A palavra “generosidade” remonta à tradição cartesiana. A ontologia do dom desemboca na ética da generosidade. Pode dizer-se que é pouco ou que o raciocínio não é muito convincente. Mas

não temos outro. Uma ética, em último caso, tem um carácter de promessa ao bem, um atravessar-se a si mesmo. É o que faz a nossa autora, em relação ao sentido último da ética na empresa. A obra de Conceição Soares fica aí à disposição, como testemunho daquilo que se faz no Porto, de forma pioneira no nosso país, a nosso ver.

Se algo podemos dizer sobre como este trabalho pode continuar, por mim gostava que os elementos aludidos a cada passo, provenientes de uma fenomenologia da vida aplicados ao tema da empresa e do trabalho humano, fossem mais desenvolvidos. A fenomenologia da vida de Michel Henry tem uma grande virtualidade para fundar uma ética da generosidade. Por outro lado, este mesmo caminho tem também uma grande aptidão para ligar as origens da ética a um horizonte teológico. Percebe-se a discrição da autora em manter em registo de surdina os elementos ligados ao mundo teológico. E faz bem. Mas o sentimento religioso depurado esteve sempre ao serviço da ética.

Diria ainda que, do meu ponto de vista, faz falta uma alusão à atualidade do assunto de ética empresarial. Basta olhar um pouco à volta para ver o clamor dos factos. É certo que o livro desenvolve a necessidade de pensar a ética para lá tanto da racionalidade abstrata de ontem, do utilitarismo de ontem e de hoje, em ordem a um horizonte que não seja apenas racional nem mesmo antropológico, mas que se situe na perspetiva da vida e do seu enraizamento cósmico. Ora isso implica que se identifique o mal do desperdício dos elementos, do uso indiscriminado dos recursos, da necessidade de as empresas produzirem o que necessitamos com cada vez maior eficiência e poupança de recursos ditos naturais.

Mas uma obra não pode ter tudo de uma só vez, dirá Conceição Soares e tem razão. Há muitos mais dias para investigar e para escrever. Aí fica a obra e o mérito da sua autora. Aqui fica o convite à sua leitura e a gratidão por ter colocado acessível um imenso material sistematizado sobre o que se fez no passado, ordenadamente, e que é ponto de partida para novas aventuras no mundo inesgotável do espírito.